



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**UMA CARTA INESPERADA**

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

A PESAR de já um pouco habituada às cousas extraordinárias que, pela vida adiante, acontecem a quem, como eu, lida com fadas, duendes e outros seres estranhos dos contos complicados, cheios de fantasia, confesso que, desta vez, fiquei intrigadíssima, ao abrir a carta que me era dirigida e que aí vai publicada.

Depois de a lerem os meus amiguinhos verão se eu não tinha motivo para isso!

A tal carta diz assim:

Ex.^{ma} Senhora Dona Virginia Lopes de Mendonça.

V. Ex.^a nunca pensou na verdade dêste dito: *Há mais Marias na terra?*

Pois fique sabendo que quem diz Marias, diz Anões!

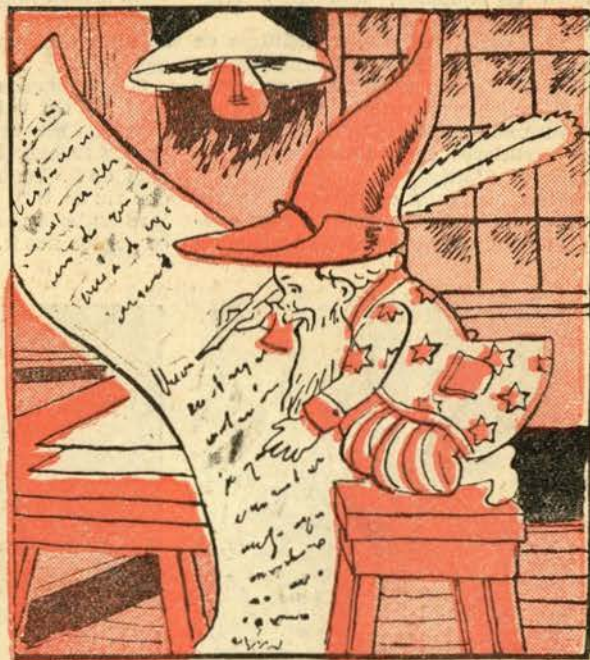
Eu sou um Anãozinho já farto de aturar o Papá Sabichão!

Chamo-me *Ignorantão* e venho propor-lhe escrever também no «Pim-Pam-Pum», umas histórias que eu cá sei e que muito hão-de arreliar o meu sapiente colega no tamanho, não na sabedoria!

Seja dito, em abono da verdade, que, se eu fosse como êle, era um tremendo maçador!

Há muita forma de entreter meninos sem os espigar como êle faz!

Eu também nasci em condições estranhas, como êle.



Os meus dois olhinhos são dois zeros, — nota que apanhei sempre na escola — a minha cabeça é uma cabeça de alho chôcho, as minhas orelhas são

(Continua na página 3)

Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS

Por MANUEL FERREIRA

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

RAFAEL vivia num meio intelectual. Mostrou-nos bem que havia conhecido tudo que Portugal tinha de bom no fim do século XIX. No Museu que lhe foi consagrado, lá estão carinhosamente colecionados os evocadores retratos e caricaturas de actores como o genial Taborda, os Rosas, o grande Carlos Santos, o célebre Vale, a «avósinha» Delfina, o belo Tasso—a mais elegante cabeça do nosso Teatro—o excêntrico Teodoro, Isidro, Epifanio, Rosa Damasceno, Brazão—o actor talvez maior que teve o Teatro; financeiros como Burnay, que «punha, dispunha, propunha, impunha, e opunha, etc., escritores como Fialho, Eça, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Júlio Deniz—o amável autor das «Pupilas»—, Camilo, Lobo de Avila, Sabugosa e Latino Coelho; poetas e dramaturgos como João de Deus, António Nobre, Lopes de Mendonça—autor da letra do hino nacional—Gomes Leal, D. João da Camara, Marcelino Mesquita, Antero e Junqueiro.

E lá estão, também, caricaturas de músicos, como Freitas Gazul, Alfredo Keil—autor da música do hino nacional—; de pintores como Veloso Salgado e José Malhoa, o pintor do nosso povo; de escultores como Costa Mota e Simões de Almeida.

Relativamente a políticos, grande documentação se encontra. Aqui o lápis do caricaturista é agressivo, mordaz

e impiedoso para Dias Ferreira, Rodrigues Sampaio, Bispo de Vizeu, Barjona, Veiga Beirão, Ferreira do Amaral—«o Xico Quim».—Hintze, Saldanha, Luciano, Teixeira de Sousa, João Franco, Casal Ribeiro, Fontes, Avila—o «anjo de Bolama»—Valadas e Braancamp—o «transparente».

Também não escaparam ao seu espírito mordaz, Braancamp Freire, Manuel de Arriaga, Magalhães Lima—o romântico—Teófilo—com o seu inseparável chapéu de chuva—Soveral—árbitro das elegâncias—João Chagas e João de Menezes, e médicos como Serrano, Manuel Bento, Silva Amado, e Sousa Martins—lente na medicina e mestre na oratória.

Que expressiva, a página lutuosa da *Paródia*, desenhada por Rafael, em homenagem à memória do autor admirável de «A Cidade e as Serras». Como ouvi dizer algures, «um traço de Rafael valia muitas páginas de prosa de autores consagrados».

No Museu lá estão juntamente com todos estes apontamentos, a sua caixa de aguçadeiras, os seus papéis e o seu monóculo.

O seu monóculo! O vidro através do qual ele viu toda a sociedade portuguesa do seu tempo e que é um traço da sua fisionomia; que focou a fidalguia de S. Carlos e a ralé das hortas; que riu de tudo e que em tudo arranjava matéria para que o lápis puzesse os pontos nos ii...

E a Cerâmica? Na fábrica das Caidas da Rainha, fazia maravilhas Transformava, milagrosamente, o barro húmido e pastoso em louça de arte, rica de originalidade e de motivos portugueses. Os seus trabalhos de miniaturas! Que beleza não há naquelas estatuetas de salóios, que se entregam, ouvindo os acordes plangentes do



harmónio, à distração do «fandango»; aquela mulher que vai com o burrinho para o mercado; aqueles tipos populares beirões e algarvios!

A vida e a obra de Rafael interessou grandemente os artistas que seguiram a sua obra. Na cerâmica miniaturista, temos nós a velhice benedita do mestre Francisco Elias. Hoje, quando saímos do Museu Bordalo Pinheiro, alguma saudade vem connosco e, não só saudade, como admiração pelo artista, que observou a vida portuguesa, num dos períodos mais críticos da nossa História.

ADIVINHA

Substituir os pontos por letras, formando, assim, nomes de «AVES.»

```

. . . . . C . . .
. . . . . P A R L O S . . .
. . . . . S . . .
. . . . . P I R E S . . .
. . . . . S . . .
. . . . . C O I M B R A . . .
. . . . . M E I R A . . .
. . . . . A . . .
    
```



UMA CARTA INESPERADA

(Conclusão da página 1)

de burro, que é um animal muito simpático, os meus dizeres: — asneiras divertidas!

Não tenho músicas, nem estrelas, nem penas de ave, na família, mas sou um Anão muito refinado!

Uso cara rapada e não uso chapéu.

Os meus sapatos não têm bico, têm bôcas, quero dizer: — ando com os dedos de fora!

E vamos lá à minha prososta, cara senhora, amiga dos meninos, dos anões, bichinhos, bichezas e mais animalézas.

Eis o que eu pretendo:

— Não quero roubar,
não quero tirar
ao Anão a fama,
só quero trocá-lo,
para arrelhá-lo
e fazer-lhe a cama!
Reconheço-lhe o valor,
é um sábio de pascar,
mas um grande maçador
que não se pode gramar!
Sô de ver-lhe a estranha touca,
eu desato a abrir a bôca!...
Isto de ensinar meninos,
a semear os pepinos...
onde é que nos vem a lá!...
De armar agora em mamã,
recomendendo ao petiz,
que não meta no nariz,
êsse cómodo dedinho,
p'ra tirar o macaquinho...
Dizer, como a professora:
— Deitar a língua de fóra
é grande má criação!... —
Só coisas daquele anão!
Eu, então, defendo a asneira,
essa boa companheira
que tanto amenisa a vida!
Sim, que uma boa partida,
quando fôr bem engendrada,
e tiver graça, piada,
e faça rir os meninos,
que nos importa os pepinos,
se nascem só em Setembro,
em Outubro ou em Novembro?...
Se isto é bem, ou se isto é mal?...
O que é preciso, afinal,
p'ra levar a vida a sério,
é seguir êste critério:
dez minutos para o estudo,
grave, consciente, sisudo,
e todo o resto do dia,
p'ra rir, p'ra ter alegria!

Desculpe o atrevimento,
desta cabeça de vento!
Com toda a consideração
dêste Anão Ignorantão.

Depois de muito matutar na resposta a esta extraordinária missiva, resolvi mandá-la ao meu amigo Anão Sabichão.



Êle que se entenda com o seu colega Ignorantão? êsse maluco que, — quem sabe? — talvez nos venha divertir com a sua alegre fantasia!

Se eu mesmo já fiquei no ar para que as cousas corram de forma que eu as leia também!

Mas lá ficar mal com o nosso Sabichão, nem por sombras!

A êle devo e os meus amiguinhos, igualmente, — não é assim? — horas de leitura bem divertida e agradável?!

Nisso, não estou nada, mesmo nada, da opinião do Ignorantão.

A DIVINHA

Substituir os pontos por letras formando assim nomes de Animais.

. . . C . . .
. . . A . . .
. . . R . . .
. . . L . . .
. . . O . . .
. . . S . . .

. . . P . . .
. . . I . . .
. . . R . . .
. . . E . . .
. . . S . . .

. . . C . . .
. . . O . . .
. . . I . . .
. . . M . . .
. . . B . . .
. . . R . . .
. . . A . . .

MALDADE CONFESSADA

Por ARGENTINITA

D. Elisa chamou o filho — um endiabrado garoto de oito anos — e recomendou-lhe: — «Luisinho, vai brincar para o jardim com o teu irmãozinho e toma bem sentido nele, não o deixes aproximar do lago. Compreendes? E, entregando-lhe um embrulho, acrescentou:

— «Aqui tens o lanche para ambos».

— «Sim, mãizinha, fique descansada»

— respondeu o Luisinho pegando no embrulho, e olhando, gulosamente, para êle. Depois, tomando a mãozinha do irmão, despediu-se da mãe, que ainda lhe recomendou, enquanto os beijava com ternura da verdadeira mãe:

— «Não percas de vista o Fernandinho; eu volto cedo!...»

Alegremente, o Luisinho saiu de casa, na companhia do irmão, um rosado bebê de cinco anos e, já na rua, atirou nas pontas dos dedos um beijo à mãizinha que, da janela, lhes sorria, e os seguiu com o olhar até entrarem no Jardim Público.

Mal o Luís ali entrou, esqueceu as recomendações da mãe e, atraído pelo belo cheiro exalado do embrulho, largou a mão do irmãozinho, sem reparar que este se ia afastando, e foi, tran-



olhos, fez-lhe crescer água da boca...

Não se lembrando que aquele pão alvo, barrado de manteiga muito loirinha, os deliciosos bolos e a fruta apetitosa, eram para repartir, fraternalmente, com o Fernandinho, rápida e glotonamente, tudo enguliu.

Só quando trincava o último bôlo, se recordou do irmão.

Aflito e sentindo remorsos pela feia acção que acabava de praticar, chamou angustiadamente:

— «Fernandinho! Fernandinho...» Mas só o éco lhe respondeu.

para dentro, onde teriam ambos perecido se um sujeito que, casualmente passava, e viu o perigo que o garoto corria, se não tivesse, por sua vez, atirado à água e salvo as pobres crianças.

Quando, passados instantes, o Luisinho recuperou os sentidos e viu, fitos em si, com angústia, os olhos da mãizinha, vermelhos de tanto chorar — lembrando-se do lanche comido gulosamente, e do irmãozinho, quase moribundo por culpa da sua gulodice e imprevidência — desatou a chorar tão sentidamente que a mãe, comovida, esquecendo os açoitos que se preparava para lhe aplicar, apenas lhe disse:

— «Vês, meu filho, o resultado de não atenderes os meus conselhos?»

Então, o Luisinho, num nobre rasgo de franqueza, contou à mãe a má acção que havia praticado e que dera causa ao incidente:

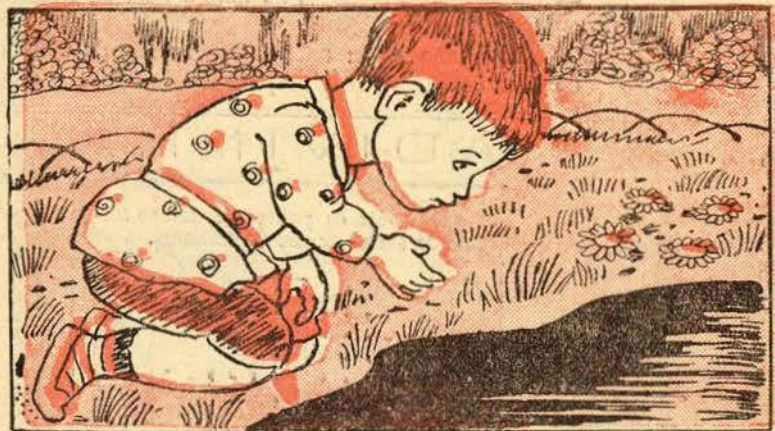
«Nunca mais lhe desobedecerei nem voltarei a ser guloso, prometo-lhe!»

O Luisinho cumpriu a sua promessa e, enquanto o irmão esteve doente, nunca abandonou a sua cabeceira. Um dia, quando o médico permitiu que o doentinho comesse tudo quanto lhe apetecesse, o Luís correu a buscar um embrulho e, entregando-lho, disse:

— «E' para ti, Fernandinho, come tudo!»

Está claro que o generoso Fernando repartiu com o irmão tôdas as guloseimas que este lhe havia trazido, embora o Luís protestasse...

Mas só assim o Luisinho resgatou a má acção praticada naquele dia que para sempre lhe ficou na memória.



quilamente, sentar-se junto de um massiço de verdura que espalhava vasta sombra à sua volta.

O Luisinho era guloso, defeito que já lhe tinha valido muitas repreensões e mesmo alguns castigos da mãe mas, sempre que era apanhado em flagrante, prometia emendar-se; porém a maldita gula prevalecia a despeito dos seus bons propósitos.

Com infinitas precauções, abriu o embrulho e o que surgiu aos seus

Cheio de medo e com as lágrimas a brotarem-lhe dos olhos, correu pelo jardim, chamando sempre pelo irmão.

Subitamente parou, julgando ouvir um gemido muito fraco que vinha do lago. Trémulo, ajoelhou junto dêste e, distinguindo lá no fundo, uma pequenina forma — não compreendendo, na sua inocência, que, embora o lago fôsse pouco profundo, não poderia sôzinho retirar de lá o irmão — com a valentia de um herói, deu um salto

A "GINKANA"

* POR GRACIETTE BRANCO *

NAQUELA tarde doirada de Outono, realizar-se-ia, enfim, a anunciada ginkana infantil, há tanto esperada com viva ansiedade, pelo buliçoso grupo de crianças da Quinta da Foz.

Jorge e os seus amigos, num alegre vai-vem, auxiliados e dirigidos pelas respectivas Mães, dispunham sobre o bufete colocado num recanto do Parque, os diversos prémios, que seriam a recompensa do esforço e brio dos pequeninos concorrentes.

Apenas o Quim sorria, desconsoladamente, amparado à sua triste muleta.

Uma cruel paralisia, atrofiara-lhe uma das pernas, fazendo dele um pobre aleijadinho. Nem os cuidados extremos dos Pais nem o grande poder da medicina, tinham conseguido destruir o mal.

Caminhava, apenas, ao pé coxinho, e, mesmo assim, com grande dificuldade.

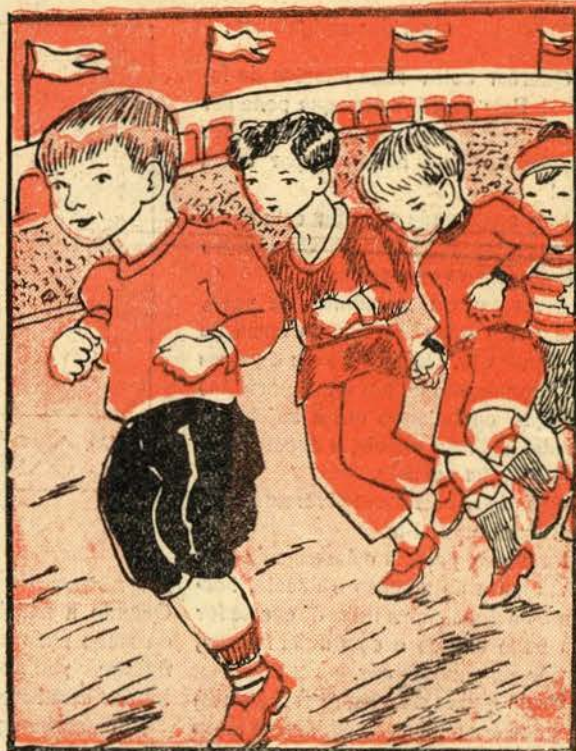
O Jorge, coração encantador e alma engrandecida por nobres sentimentos, sofria cruelmente, ao contemplar o seu pobre amiguinho, adivinhando a grande tristeza oculta, que lhe transparecia na expressão maguada do olhar.

Haviam combinado a realização da ginkana, para que, na Quinta da Foz, todos os corações pequeninos viessem horas de franca e entusiástica alegria, e eis que, de súbito, na sua imensa tragédia, surgia a alma daquela triste criancinha, incapaz de ganhar o prémio que os seus olhinhos belos cobijavam.

Mas o Jorge, chamando todo o grupo, à excepção do Quim, imediatamente resolveu o assunto. Faria parte do programa uma corrida ao pé coxinho e assim já o pobre amiguinho ganharia um dos mais valiosos prémios.

Ao ser-lhe comunicada a notícia de que participaria nas provas, o Quim sorriu, alegremente, sentindo-se igual aos queridos companheiros.

Todas as Mães aplaudiram, comovidamente, a lem-



brança generosa de Jorge e, as cinco horas em ponto, teve início a desejada ginkana.

Decorriam com brilho e entusiasmo todas as provas; porém, quando chegou a altura da corrida, ao pé coxinho, havia nos rostos dos pequenos concorrentes, uma expressão de receio.

¿Ganharia, o Quim, a prova?

¿A-pesar-de ser essa a sua maneira de andar, não o faria ele com relativa dificuldade?

Alinhados, com gravidade e aprumo, ouviram, emocionados, o sinal de partida:

Um-dois-três! e, à voz de três, todos os concorrentes partiram.

Fazia pena ver aquele pobre pequenino correndo com dificuldade, desamparado da muleta, ao lado dos companheiros de pernas ágeis e sãs.

Porém, em todos os corações dos amiguinhos de Quim, raiou a mesma luz de bondade, e, lentamente, manifestando um cansaço que não sentiam, todos foram ficando para traz.

E o Quim, radiante e feliz, avançava sempre, prestes a alcançar a méta.

(Continua na página 6)



O CESTINHO da COSTURA

SÉCÇÃO PARA MENINAS

Queridas amiguinhas:

Querem coisa mais simples de fazer?! Pela rapidez com que pode ser executada, estou certa de que vai ser muitíssimo bem acolhida por todas vós!

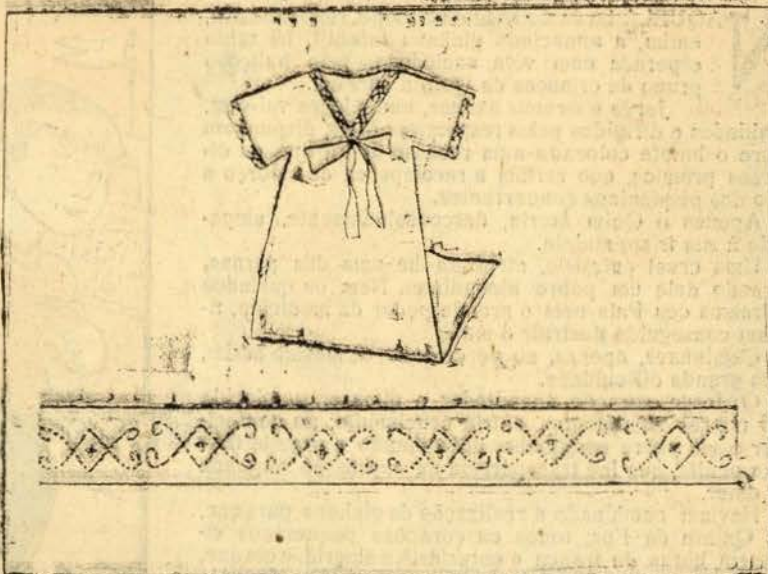
Não custa nada a cortar esta camisinha; reparem no modelo com atenção e logo verão como se faz.

Arranjem um bocadinho de pano, que tanto pode ser branco como de qualquer cor. Dobrem-no em 4 partes e comecem, então, por dar o corte das mangas, enviuzando até à bainha da fralda. Talhem, depois, o decote e eis a camisinha cortada.

Quando as costuras estiverem feitas, é preciso enfeitá-la.

Para isso, passem o desenho da barriinha para as mangas e decote, bordando-o depois com linha de cor, se for em pano branco e com linha branca, se for em pano de cor.

Creio que este trabalho está bem ao alcance das minhas Abelhinhas e tanto assim, que até lhes vou dar um alvitre.



Quando a mãizinha fizer a roupinha da mana mais nova, vocês fazem um figurac pedindo-lhe que as deixe bordar esta barriinha.

E, se assim acontecer, além da distracção que o trabalho vos possa

causar, terão, também, a satisfação de se sentirem já umas pessoas importantes e de se tornarem úteis.

Abraça-as a vossa amiguinha.

Abelha Mestra

PARA OS MENINOS COLORIREM

O melhor brinde a oferecer por ocasião do Natal às crenças, é o livro

PRESENTE DO NATAL

que contem versos de Graciette Branco e prosa de Augusto de Santa-Rita

PREÇO 5\$00

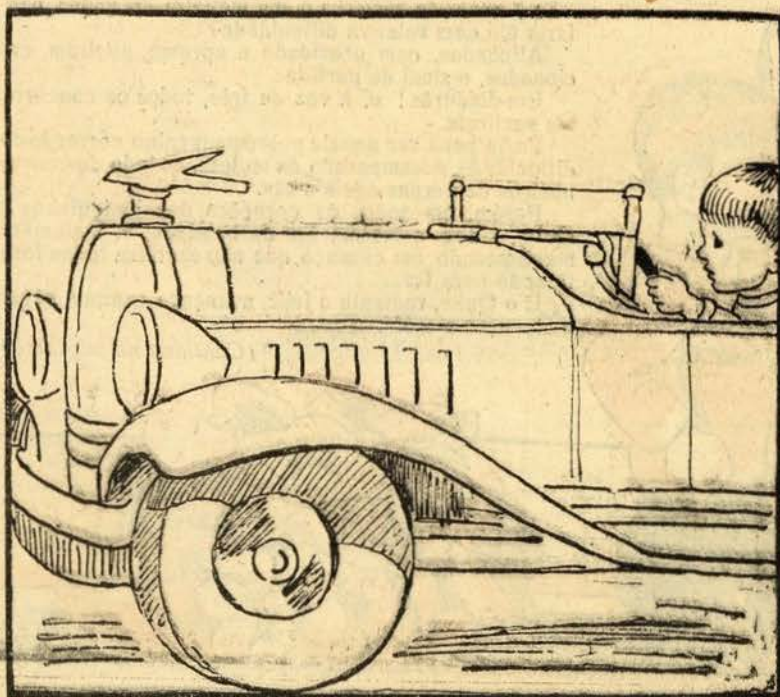
A «GINKANA»

(Continuação da página 6)

Então, uma grande salva de palmas rompeu o silêncio confrangedor e o Quim foi levado em triunfo, por ter conseguido ganhar o prémio mais importante da festa: um lindo cavalo de pasta, quasi do seu tamanho, com selim e esporas, que era o encanto de todos.

E foi esta bela accção o maior encanto da tarde e a mais grata e consoladora recordação da linda festa infantil.

Querem os meus queridos meninos imitar sempre os amiguinhos do Quim? Assim o espero.



OS NOSSOS CONCURSOS

CARTA HIEROGLIFICA

CONCORRENTES CLASSIFICADOS



Maria Alice Magalhães Alves de Sá



António Paulo Pinto Eliseu 11 anos de idade




Maria Izabel Santos Marques



João José Coelho Gaspar



Dália de Jesus

Meus menis 

9.84
5.35
15.19

1935

9.84
5.35
15.19

me: vai vai

te

deu:

















mei

quem

que

gisti

até

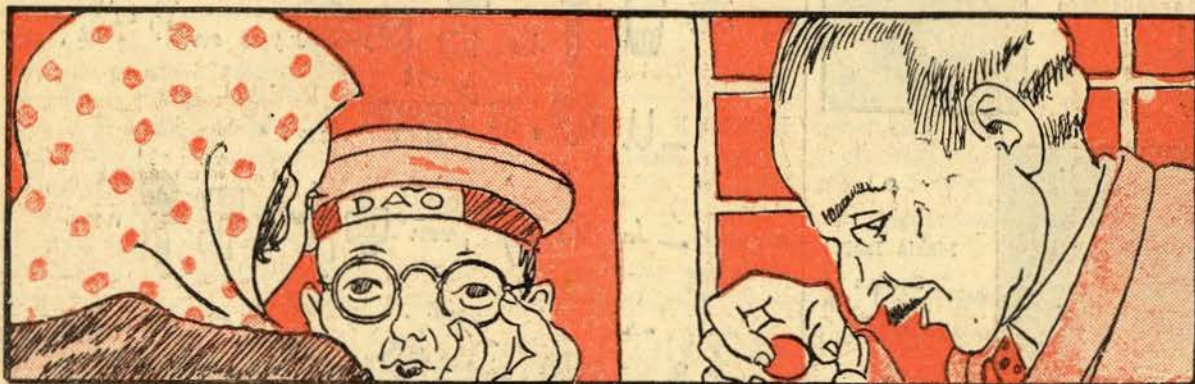
Manuel Ferreira

RAZÃO DE PÊSO



I — Com seu filho «Zé da Alpista», Maria Rita dos Bróculos vai comprar, a um oculista, uma armação para óculos, pois ele é curto da vista.

II — Já na loja, Mãe e filho decidem qual há-de ser: e escolhem, sem empecilho, o necessário caixilho, para o filho, é bem de ver.



III — Pondo a armação escolhida sôbre o nariz do seu «Zé», com ares de convencida, a Mãe pergunta, à saída: — «Quanto lhe devo?... Quanto é?»

IV — Todavia, nesta altura do episódio relatado, com a maior compostura: — «Faltam as lentes...» murmura o oculista pasmado.



V — Pois supondo, e com razão, que simples distração fóra, o dono da loja, então, faz-lhe nova observação: — «Faltam-lhe os vidros, senhora!»

VI — Maria Rita, contudo, responde: — «Não é preciso nada mais, porque o meu do é travesso, parte tudo e nunca toma juízo!»